

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

~~OLHE BEM AS MONTANHAS...~~

# OS ANJOS DA LAMA

LUIZ NAZARIO\*

**RESUMO** Em 1966, Florença foi invadida por 80 a 250 milhões de metros cúbicos de água, que arrastaram 30 mil carros e arrasaram casas, lojas, monumentos, chegando em alguns locais a sete metros de altura. A catástrofe destruiu mais de 1.500 obras de arte e um milhão de manuscritos preciosos e livros raros. O cineasta florentino Franco Zeffirelli, que trabalhava na TV RAI, conseguiu chegar à cidade ilhada e ali rodou o impressionante documentário *Per Firenze* (1966), que, graças ao senador americano Edward Kennedy, rodou o mundo, mobilizando a juventude de vários países a acorrer para Florença para salvar o patrimônio da humanidade. Os assim chamados “Anjos da Lama” anteciparam os jovens que, dois anos depois, se rebelariam em todo o mundo.

**PALAVRAS-CHAVE** catástrofe; Florença; Franco Zeffirelli.

## THE ANGELS OF MUD

**ABSTRACT** In 1966, Florence was invaded by 80 to 250 million cubic meters of water, which dragged 30,000 cars and razed houses, shops, monuments, arriving in some places seven meters high. The catastrophe destroyed more than 1,500 works of art and a million precious manuscripts and rare books. Florentine filmmaker Franco Zeffirelli, who worked at RAI TV, managed to reach the isolated town, and shot there the impressive documentary *Per Firenze* (1966), which, thanks to U.S. Senator Edward Kennedy, toured the world, mobilizing the youth of several countries to flock to Florence to save the heritage of humanity. The so called “Angels of Mud” anticipated the young people who two years later would rebel around the world.

**KEYWORDS** catastrophe; Florenz; Franco Zeffirelli.

## LOS ÁNGELES DEL BARRO

**RESUMEN** En 1966, Florencia fue invadida por 80 a 250 millones de metros cúbicos de agua, que arrastró 30.000 coches y arrasó casas, tiendas, monumentos, llegando a algunos lugares de siete metros de altura. La catástrofe destruyó más de 1.500 obras de arte y un millón de manuscritos preciosos y libros raros. El cineasta florentino Franco Zeffirelli, que trabajava en la RAI, logró llegar a la ciudad aislada y allí rodó el impresionante documental *Per Firenze* (1966), que, gracias al senador estadounidense Edward Kennedy, montó el mundo, movilizand a los jóvenes de varios países para correr a Florencia para salvar el patrimonio mundial. Los así llamados “Ángeles del Barro” anticiparon a los jóvenes que dos años más tarde se rebelarían por todo el mundo.

**PALABRAS CLAVE** catástrofe; Florencia; Franco Zeffirelli.

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

## Introdução

Cortada pelo rio Arno, Florença é uma joia arquitetônica e a impiedosa causadora do “mal de Stendhal”, que todos sentimos ao tentar abarcar, ao visitá-la, como o autor da *Histoire de la Peinture en Italie (História da pintura na Itália, 1817)*, toda a arte e a cultura que transbordam de suas ruas, praças e museus – os tesouros conservados numa cidade que é, ela própria, como sugeriu Georg Simmel, uma obra de arte:

[Em Florença] o passado permaneceu visível e tem, assim, um presente específico que toma lugar ao lado do outro presente, aquele que é levado pela sucessão dos dias, sem, no entanto, juntar-se a ele. O tempo aqui não destrói as coisas separando-as, como o faz o tempo real, ele se parece com o tempo ideal no qual vive a obra de arte (SIMMEL, 2006, p. 31).

No outono sempre chove em toda a Itália, e muitas cidades da Toscana ficam inundadas. Em 1333, a cheia do rio Arno destruiu três das quatro pontes que existiam em Florença, incluindo a Ponte Vecchio original, construída no século I a.C., reconstruída doze anos depois da catástrofe, que também fez desaparecer a estátua do deus Marte, que guardava a cidade nos tempos de Dante, por ele citada em *A divina comédia* (CAIRELLA, 2013).

Em decorrência do *alluvione* de 1333, a partir de 1341 todos os bancos florentinos faliram e Florença viveu um período de decadência. A cidade foi atingida pela fome em 1346 e pela peste em 1348. Mas, depois de trazer a desgraça, o Arno foi, entre os séculos XIII e XV, portador da fortuna dos mercadores de Florença. O florescente comércio mercantil fez a cidade renascer e a tornou o berço do Renascimento.

Outra grande cheia ocorreu em 1844, quando, segundo um pitoresco relato da época escrito por Augusto Guerrini, as autoridades governamentais, militares e civis competiram em zelo, animados pelo exemplo do seu “amado governante grão-duque Leopoldo II”. Barcos navegavam pelas ruas cobertas pelas águas trazendo água potável e pão “para quem queria e para quem não queria”. O governo, unido à Igreja,

queria descobrir, para venerar, a imagem milagrosa da *Santissima Annunziata*,<sup>1</sup> implorando-lhe ajuda divina diante de tanta desolação. Em sua *Villa del Poggio*, em Cajano, Leopoldo II abrigou duzentas pessoas e as alimentou por dias à sua custa (GUERRINI *apud* CONOSCI FIRENZE, 2017).

Durante a Segunda Guerra, Florença foi poupada dos bombardeios nazistas. No pós-guerra, a cidade viveu um período de prosperidade irrigado pelo turismo. Contudo, no dia 4 de novembro de 1966, às cinco horas da manhã, as barragens do Arno se romperam e as águas do rio transbordaram. Marise Nakagawa fez uma vívida descrição do *alluvione* (infelizmente seu *blog Tour na Toscana* desapareceu da rede):

O primeiro sinal da catástrofe surgiu na província de Arezzo, perto da nascente do Arno. No final da noite o rio Resco transbordou em Reggello, no sudeste de Florença. Uma casa desabou matando toda a família de sete pessoas. À meia-noite, adegas, garagens e ruas mais baixas de Florença começaram a inundar. Na *Autostrada del Sole* a terra deslizou. No vale do Casentino, na província de Arezzo, várias áreas ficaram isoladas. Policiais, engenheiros e prefeitos não sabiam como proceder. A escuridão tornava mais difícil entender a situação. Decidiram não tocar os sinos em sinal de alarme para não causar o pânico entre os habitantes. A primeira área de Florença inundada pelo afluente Mugnone foi o *Parco delle Cascine*, na margem direita do Arno e a noroeste do centro histórico: dezenas de cavalos do hipódromo e alguns animais do zoológico morreram. Entre duas e quatro da manhã, fossas de esgoto explodiram pela pressão e o Arno, depois de transbordar na parte leste de Florença, invadiu o centro histórico, primeiro as ruas ao redor da igreja de Santa Croce, e depois do outro lado do rio, em todo Oltrarno. [...] Florença amanheceu sob as águas e a situação era igualmente grave nos municípios de San Mauro, Signa, Campi Bisenzio e Montelupo Fiorentino. As margens do Arno cederam e a água fluiu mais intensamente em direção ao centro histórico de Florença. Às nove da manhã chegou à Piazza Duomo. Em outras áreas a inundação alcançou três metros de altura. Na “Murate”, prisão que ficava na área de Santa Croce, os habitantes prestaram ajuda aos presos, hospedando-os em casa (um deles, de 25 anos, morreu na inundação). Durante a manhã, outros diques foram destruídos e vários municípios da cidade foram inundados (NAKAGAWA, 2019).

A água subia tanto que as pessoas tinham que se abrigar nos telhados das casas. Em 12 horas Florença foi invadida por 80 a 250 milhões de metros cúbicos de água (RIBEIRO, 2016). Em alguns locais o *alluvione* (a enchente) chegou a cinco metros de altura. No cinema Verdi, passava *The Bible* (A Bíblia, 1966), de John Huston, com a sequência do Dilúvio Universal e da Barca de Noé (interpretado pelo diretor). A arte

<sup>1</sup> Em 1252, um monge que pintava a *Anunciação* abandonou o trabalho em desespero, incapaz de criar imagem tão bela. Enquanto ele dormia, o quadro foi terminado por um anjo; a pintura miraculosa passou então a ser venerada e foi colocada na Basilica della Santissima Annunziata.

imitava a vida, que imitava a arte. As ruas do centro histórico, enfeitadas com bandeiras e estandartes para a festa do Dia das Forças Armadas e da Unidade Nacional, transformaram-se em rios de lama, carregando, a 50 quilômetros por hora, 30 mil automóveis.

A corrente arrastou das lojas dezenas de manequins que, de longe, pareciam cadáveres. Nas primeiras horas da tragédia essa visão perturbadora deu a impressão de que centenas de pessoas haviam morrido. Na verdade, foram 35 mortos, a maioria de idosos e pessoas com deficiência que, sozinhos em casa, não conseguiram se abrigar; outros, por terem saído às ruas para ver o que ocorria; um idoso foi atingido por uma explosão numa oficina.

O número de vítimas poderia ter sido maior se a enchente não tivesse coincidido com a festa de 4 de novembro. Graças ao feriado, a maioria dos florentinos encontrava-se em casa, como mostrou o cineasta Mario Monicelli, em tom de galhofa, numa sequência bufa de *Amici Miei – Atto II (Quinteto Irreverente, 1982)*, que reduziu a tragédia (mostrada em cenas extraídas de *Per Firenze*) a uma pantomima de adúlteros.

A Ponte Vecchio tremia sob a correnteza. O dono do restaurante “Alfredo sull’Arno” acordou um amigo joalheiro para que tentasse salvar suas joias. Ele conseguiu recuperar seus tesouros e viu às 3h30 as águas subirem até os arcos da ponte. Recordou que sua mãe lhe contara que na inundação de 1944 o nível do Arno chegara àquela altura e depois diminuía. Mas as águas continuavam a subir, e invadiram o sistema hidráulico de Anconella, onde o operário de plantão, Carlo Maggiorelli, foi levado ao atender um telefonema que o avisava para fugir. Às 3 horas, a família Boncinelli foi acordada por gritos de “*Aiuto... aiuto...*” (Socorro... socorro...). Um homem dependurado num semáforo estava submerso até os ombros. Uma corda improvisada com lençóis foi lançada do palácio em frente. Os espectadores da cena gritavam: “Força! Coragem! É a sua vida que está em jogo”. Após várias tentativas, o homem foi içado (OLIVEIRA, 2019).

Os ralos explodiam e a água jorrava do subsolo. As linhas telefônicas e as redes elétricas colapsaram, as estradas e a ferrovia foram bloqueadas, a cidade ficou isolada do mundo. Por toda parte, os estragos eram horrendos. O Prefeito Piero Bargellini deu o primeiro alarme oficial pelo rádio:

Florentinos! Peço calma a todos, e que reduzam ao mínimo a circulação, e solicito aos proprietários de barcos de borracha e veículos anfíbios, mesmo de plástico, para deixá-los

fluir até o Palazzo Vecchio, para os imediatos socorros sanitários, de alimentação e de salvamento (CAIRELLA, 2013, tradução nossa)<sup>2</sup>

Os radioamadores repercutiram o alarme continuamente durante sessenta horas. Conserva-se o registro gravado de um dos primeiros pedidos de ajuda de um jovem radioamador: “*Aiuto, l’acqua sta salendo!*” (“Socorro, a água está subindo!”), ele gritava.<sup>3</sup> Foram contabilizados 99 radioamadores em ação durante a tragédia, “*gli angeli con la radio*” (“os anjos com o rádio”), como foram chamados.

O jornal *Il Resto del Carlino* de 5 de novembro de 1966 estampou a manchete: *Florença invadida pelas águas. A cidade transformada num lago*<sup>4</sup> (BOLLINO; IACUANIELLO; PANTANO, 2009, p. 33). Os jornalistas Marcello Giannini, da RAI, e Dante Nocentini, da ANSA, foram os primeiros a transmitir a notícia do *alluvione* de Florença. Diante da incredulidade da RAI, Giannini fez toda a Itália ouvir o barulho da água fluindo no centro histórico de Florença: “Se abro a janela, apenas para que tenham noção do que está acontecendo bem abaixo de nós, pode-se ouvir o barulho. [...] Mas não é um rio, não é um rio, é a Via Cerretani, é a Via Panzani, é o coração de Florença invadido pelas águas.”<sup>5</sup> (GIANNINI *apud* MOROSI; RASTELLI, 2016, tradução nossa).

A notícia da catástrofe correu o mundo. E também as imagens - o fotógrafo italiano filho de ingleses David Lees (Pisa, 1918 – Florença, 2004) cobriu a catástrofe para a revista *Life* em imagens elegíacas de uma beleza lancinante (DAVID LEES FOR LIFE, 2006). Nos dias que se seguiram, socorristas chegaram da Itália, da Europa, dos EUA, da URSS, da China. Eram estudantes de todas as nacionalidades, que acorriam aos milhares a Florença, pagando suas viagens do próprio bolso para retirar da lama obras de arte e livros raros, tentando salvar da destruição a memória de séculos de cultura, numa incrível cadeia de solidariedade internacional.

“Solidariedade chama solidariedade”, observou o então estudante Riccardo Conti. Renunciando ao conforto e à aparência, vivendo no meio da sujeira fétida por semanas, os jovens voluntários retiravam o mar de lama que cobria a cidade, ajudavam os pobres a salvar seus poucos bens, distribuía comida e salvavam os monumentos, as estátuas, as pinturas e os livros soterrados. Não trabalhavam por dinheiro, mas pelas gerações futuras que poderiam ser privadas dos tesouros de Florença:

<sup>2</sup> No original: “*Fiorentini! Invito tutti alla calma e a ridurre al minimo la circolazione, mentre prego i possessori di battelli di gomma e di mezzi anfibi, anche in plastica, di farli affluire in Palazzo Vecchio, per gli immediati soccorsi sanitari, alimentari e di salvataggio*”.

<sup>3</sup> Depoimento de Paolo Badii (SENEGhini, 2016).

<sup>4</sup> No original: “*Firenze invasa dalle acque. La città trasformata in un lago*”.

<sup>5</sup> No original: “*Se apro la finestra, tanto per dare l’impressione di cosa c’è sotto di noi, se si sente il rumore. [...] Ecco, questo non è un fiume, non è un fiume, ma è la via Cerretani, è la via Panzani, è il cuore di Firenze invaso dall’acqua*”.



O que comíamos? Sanduíches de mortadela e lama. E se algum florentino tentava nos dar dinheiro, bem, nós sempre recusávamos. Era o nosso jeito. Só se eles quisessem nos oferecer uma garrafa de Chianti ou de Vecchia Romagna, aí, sim, o discurso era outro<sup>6</sup> (Salvatore Tomarchio, *FIRENZE* 1966, 2016, tradução nossa).

Fui à Ópera do Duomo, tinha-se que esvaziar um porão e tirar dali uns pedaços de madeira: podiam ser alguma coisa. Depois descobri que faziam parte de um dos modelos de Brunelleschi. Agora que foi restaurado, sei que algumas peças ali dentro fui eu que salvei<sup>7</sup> (Susan Glasspool, *FIRENZE* 1966, 2016, tradução nossa).

6 No original: “Cosa mangiavamo? Panini mortadella e fango. E se qualche fiorentino provava a darci del denaro, beh, noi rifiutavamo sempre. Era la nostra linea. Solo se volevano offrirci una bottiglia di Chianti o di Vecchia Romagna, ecco, allora il discorso cambiava”.

7 No original: “Andai all’Opera del Duomo, si doveva svuotare una cantina e tirai fuori dei pezzi di legno: potevano essere qualsiasi cosa. Dopo ho scoperto che facevano parte di uno dei modellini di Brunelleschi. Adesso che è stato restaurato so che qualche pezzo là dentro l’ho salvato io”.

8 No original: “Mi piace pensare che il mio primo studio di teologia non l’ho fatto sui libri ma lì, in mezzo alla realtà, tra lo smarrimento e la sofferenza di quella gente”.

9 No original: “La maggior parte sono studenti per quali è l’occasione di dimostrare al mondo di essere capaci di sacrificarsi in qualcosa in cui credono, che non è la guerra o la patria, ma l’arte e la bellezza”.

Enrico Ciabatti fazia a *interfoliazione* dos livros enlameados, “um trabalho aborrecidíssimo e complexo, mas necessário” (*FIRENZE* 1966, 2016). Ele abria o livro página por página, impedindo que o papel antigo, muito frágil, se quebrassem, colocando entre eles uma folha de papel absorvente para que as páginas não grudassem e a tinta não se perdesse: “Ainda me lembro da emoção quando num volume encontrei um relato das despesas de Michelangelo Buonarroti” (*FIRENZE* 1966, 2016). Os documentos eram lavados em bacias, porque ainda não havia água, e pendurados em fios como roupas para secar.

Giuseppe Betori, então um jovem seminarista, hoje cardeal e arcebispo de Florença, não trabalhou com a arte enlameada, mas com a lama “proletária”, no bairro de Gavinana, no Oltrarno, uma das zonas mais “vermelhas” da periferia da cidade. A experiência da pobreza e da solidariedade o marcou para sempre: “Gosto de pensar que meu primeiro estudo de teologia eu não fiz em livros, mas ali, no meio da realidade, entre a perplexidade e o sofrimento dessas pessoas”<sup>8</sup> (*FIRENZE* 1966, 2016, tradução nossa).

O jornalista Enzo Biagi escreveu sobre os socorristas: “A maioria são estudantes para os quais é a ocasião de demonstrar ao mundo que são capazes de sacrificar-se por alguma coisa em que acreditam, que não é a guerra ou a pátria, mas a arte e a beleza”<sup>9</sup> (BIAGI, 2007, p. 151, tradução nossa). Relatando a ação desses jovens num artigo de 10 de novembro de 1966, o jornalista Giovanni Grazzini, enviado a Florença pelo *Corriere della Sera*, batizou-os de *Angeli del Fango* (Anjos da Lama) (SENEGhini, 2016).

A expressão conquistou a todos, menos o Prefeito Piero Bargellini, que se sentia responsável por Florença e temia a presença de milhares de jovens, muitos deles menores de idade, correndo riscos de acidente na cidade enlameada, sem falar nos

problemas de alojamento e alimentação. Como alimentar milhares de bocas famintas que chegavam de todas as partes? Onde dormiriam? Mas a maravilhosa cidade soube prover todos os voluntários, que foram abrigados em igrejas, museus, bibliotecas; as Ferrovias Estaduais forneceram vagões com sacos de dormir térmicos; e todos se alimentavam nas cantinas das escolas e das universidades, sem causar maiores problemas.

Reinava o cosmopolitismo. A catástrofe dissolveu as fronteiras. Italianos, franceses, alemães, americanos, japoneses e chineses davam-se as mãos numa comunidade internacional que trabalhava por um único bem comum. Todos estavam possuídos pela ideia da necessidade da restauração e da reconstrução, como na Europa em ruínas após a Segunda Guerra Mundial. O senador americano Edward Kennedy presenciou a transformação de uma catástrofe natural num acontecimento histórico:

Recordo que naquele dia estava em Genebra para uma conferência sobre refugiados e, querendo ver o que havia acontecido, voei para Florença. Cheguei à Biblioteca por volta das cinco da tarde e olhei os arredores da área alagada. Não havia eletricidade e uma grande quantidade de velas haviam sido acesas para se ter a luz necessária para salvar os livros. Fazia um frio terrível e vi os estudantes na água até a cintura. Tinham formado uma fila para passar entre os livros, assim podiam recuperá-los da água e levá-los a uma zona mais segura para colocar alguma coisa que os protegesse. Em cada ponto da grande sala de leitura havia centenas e centenas de jovens que haviam se reunido para ajudar. Era como se soubessem que a inundação da biblioteca estava colocando em risco a sua alma. Encontrei uma incrível inspiração vendo esta geração mais jovem toda unida neste esforço vital. Fez-me vir à mente as jovens populações dos EUA que responderam com a mesma determinação quando vieram se envolver no movimento para os direitos humanos. Eu tinha ainda calafrios quando saí para o avião que me levava de volta a Genebra, mas não podia evitar pensar na impressionante solenidade daquela cena – todos aqueles estudantes esquecidos do frio pungente e da água lamacenta, tranquilamente concentrados na salvação dos livros na suave luz das velas. Não o esquecerei jamais (KENNEDY, 1966 *apud* MESSERI; PINTUS, 2006, tradução nossa) <sup>10</sup>

Edward Kennedy agiu de maneira decisiva na catástrofe, não sendo verdade, como escreveram alguns jornalistas italianos, que ele só “passou uma semana tirando os livros da lama” – o que já seria algo de excepcional. Na verdade, ele enviou 200 restauradores americanos para ajudar os florentinos; obteve numerosas contribuições oficiais e particulares para recuperar Florença; e distribuiu o impressionante filme *Per Firenze* (1966), de Franco Zeffirelli, que rodou o mundo e mobilizou a juventude.

**10** No original: “Ricordo che quel giorno ero a Ginevra per una conferenza sui rifugiati e volli vedere cosa era successo, volai a Firenze. Arrivai alla biblioteca (Ndr Biblioteca Nazionale) attorno alle 5 del pomeriggio e guardai intorno all’area alluvionata. Non c’era elettricità ed era stata messa una grossa quantità di candele per avere la luce necessaria a salvare i libri. C’era un freddo terribile vidi gli studenti nell’acqua fino alla cintura. Avevano formato una fila per passare tra i libri così potevano recuperarli dall’acqua e quindi portarli in una zona più sicura per poterci mettere qualcosa che li proteggesse. In ogni punto della grande sala di lettura c’erano centinaia e centinaia di giovani che si erano riuniti per aiutare. Era come se sapessero che l’ alluvione della biblioteca stava mettendo a rischio la loro anima. Ho trovato un’incredibile ispirazione nel vedere questa generazione più giovane tutta unita in questo sforzo vitale. Mi fece venire in mente la giovane popolazione degli Stati Uniti che rispose con la stessa determinazione quando vennero coinvolti nel movimento per i diritti umani. Avevo ancora i brividi quando salii sull’aereo che mi riportava a Ginevra, ma non potevo smettere di pensare alla impressionante solennità di quella scena - tutti quegli studenti dimentichi del freddo pungente e dell’acqua fangosa, tranquillamente concentrati per la salvezza dei libri alla lieve luce delle candele. Non lo dimenticherò mai”.



## Desenvolvimento

Quando chegaram ao mundo exterior as notícias de que as águas tinham subido a seis metros de altura em Florença, o cineasta Franco Zeffirelli, que trabalhava na TV RAI, em Roma, percebeu que havia algo de muito errado. Ele tentou contatar seus amigos florentinos, mas as linhas telefônicas estavam mudas. Pediu então a Zavoli, seu diretor na TV, que o mandasse para lá. Zavoli ofereceu-lhe dois cinegrafistas e o material para rodar um filme. Nascido em Florença, Zeffirelli conseguiu entrar na cidade por um caminho que poucos conheciam, chegando à Piazzale Michelangelo a partir das colinas.

O fedor era a primeira coisa que impressionava quem se aproximava de Florença. Antes de serem vistas, as ofensas à cidade do Renascimento penetravam no âmbito de cada um pelas vias respiratórias. A lembrança do cheiro da lama podre misturada à nafta permaneceu na memória de todos que viveram a catástrofe.<sup>11</sup> Naquela época, os aquecedores funcionavam a óleo diesel, feito com nafta, e cujos tanques ficavam nos porões: a enchente os destruiu e esvaziou, trazendo o óleo à tona. Quando a água foi embora, deixou uma linha preta e fedorenta por toda a cidade velha.

Zeffirelli rodou um extraordinário documentário em preto e branco *Per Firenze* (1966), com texto do importante jornalista Furio Colombo. Ele registrou a catástrofe no dia mesmo em que ela ocorreu e nos dias consecutivos. No prólogo, somos preparados para as cenas desoladoras do *alluvione* de Florença pelas imagens tomadas de catedrais góticas e barrocas onde anjos assustados, de boca aberta e olhos arregalados, parecem assistir com horror ao rio Arno em ebulição. Imagens do *Juízo Final* de Michelangelo na Capela Sistina do Vaticano anunciam que estamos a entrar no Apocalipse.

O filme é narrado em italiano pelo ator Richard Burton, que estava na Itália rodando *La bisbetica domata* (*A megera domada*), sob a direção do próprio Zeffirelli. O ator começa assim seu apelo a toda a humanidade: “Eu sou Richard Burton. Perdoem-me o meu italiano imperfeito, mas gostaria de tentar falar sem tradução porque o que aconteceu na Itália e em Florença me atinge profundamente” (*PER FIRENZE*, 1966).

Nascido em Gales, o ator recorda que há duas semanas em seu país (em 20 de outubro de 1966) ocorreu uma catástrofe na vila mineira de Aberfan: após fortes chuvas, o aterro construído em solo instável entrou em colapso, deslizou e descarregou

uma avalanche de dejetos sobre as casas dos mineiros e sobre a única escola da vila no momento em que todas as crianças estavam ali, em aula. Dos 144 mortos, 116 eram crianças. A cidade galesa de Aberfan tornou-se uma cidade sem crianças. Burton citava a tragédia de seu país para afirmar que a tragédia de Florença era “ainda pior, terrível e desumana como a guerra”. Não evitava uma infeliz comparação entre tragédias.

Em Aberfan o Conselho Nacional do Carvão, responsável pelo aterro, foi responsabilizado pelo desastre. O órgão havia ignorado alertas sobre a instabilidade do solo. As famílias foram indenizadas, mas não houve punições criminais. Uma nova lei sobre minas foi aprovada para garantir segurança das vilas próximas a essas empresas e um jardim foi plantado no local onde estava a escola (BBC, 2016).

Ao contrário do horror que se abateu em Aberfan, e que só chegou ao grande público graças ao excelente episódio “Aberfan” (2019), de Benjamin Caron, na terceira temporada da série de sucesso *The Crown* (2016-2021), da Netflix, o impacto emocional da degradação de Florença teve imediata repercussão em todo o mundo. Em Florença a catástrofe não podia ser atribuída a um responsável direto. Não havia Estado ou empresa que pudesse indenizar as vítimas. A culpa era da natureza, de Deus, ou da humanidade, que para sobreviver construía cidades à beira de rios.

Em *Per Firenze*, Zeffirelli registrou o trabalho incansável dos Anjos da Lama, alguns belos como anjos, salvando os livros dia e noite, em jornadas de trabalho de quatorze, quinze horas, formando uma espécie de “linha de montagem” com seus braços, que carregavam os volumes dos depósitos de lama para lugares seguros para serem limpos – um taylorismo do Bem. Durante a primeira semana, depois de todo o trabalho na lama fétida, nem um banho podiam tomar, pois não havia água corrente na cidade.

O especialista americano na arte do Renascimento, Frederick Hartt, que retornava à cidade, foi entrevistado e não conteve as lágrimas: “É o dia mais trágico da minha vida”. Ele pensava que os dias da guerra haviam acabado, e o que via ali lhe recordava os bombardeios da Segunda Guerra. Ele lembrava que a arte criada em Florença durante o Renascimento marcara o início da Modernidade, e não suportava ver a cidade que ele mais amava no mundo assim soterrada: “A civilização foi atingida”. (PER FIRENZE, 1966).

Burton recorda então que uma centena de pessoas trabalhava sem parar na Basílica de Santa Croce com dor, frio e cansaço. Ali as águas atingiram a altura de sete metros e submergiram o *Crocifisso de Cimabue*, de 4,48 metros de altura (e 3,90 de largura), danificando 80% da obra, que havia se mantido intacta desde quando fora criada por volta do ano de 1280. Em minutos, sete séculos de história da arte foram cancelados. Numa foto famosa, o voluntario Salvatore Franchino, desesperado, ergue os braços diante do Cristo enlameado:

Seria umas sete, no máximo oito horas da manhã, do dia 5 de novembro de 1966. Entrei na Basilica di Santa Croce e o vi: o grande *Crocifisso di Cimabue*, coberto de detritos, ainda de pé. Tentei logo tirá-lo da parede. Chamei o superintendente e um frade e, juntos, conseguimos destacá-lo e apoiá-lo sobre uma mesa, para enxugá-lo. Choramos como crianças ao ver o que havia acontecido (FRANCHINO, 2019, tradução nossa).

O *Crocifisso di Cimabue* estava todo rachado e pedaços da pintura boiavam nas águas. Nem os túmulos de Michelangelo Buonarroti, Galileo Galilei, Niccolò Machiavelli, Dante Alighieri (este vazio, pois seus restos estão em Ravenna), Antonio Rossini e Vittorio Alfieri na Santa Croce foram poupados de serem enlameados.

No Uffizi, urgia salvar as obras do Corredor Vasariano, ao longo da Ponte Vecchio. As águas ameaçavam à Ponte e faziam o chão tremer. Temia-se um desabamento. No fim da manhã a água chegou a um dos laboratórios de restauração. As obras em restauro tiveram que ser retiradas às pressas por um acesso secundário, mas *L'Incoronazione della Vergine* (O coroamento da Virgem, 1498-1508), de Botticelli, era larga demais. Ergueram então uma torre de caixotes, a mais alta possível, para colocar a obra-prima em cima, esperando que a água não subisse mais e a estragasse (RIBEIRO, 2016).

Para realçar a tragédia, nas versões americana e inglesa de *Per Firenze* a sequência na Santa Croce foi rodada em cores. A música lancinante criada por Roman Vlad acompanha as imagens terríveis da destruição da cidade. Uma menina tenta varrer, sem sucesso, o lodo que recobre a rua de sua casa. Homens e mulheres caminham lentamente, perdidos num mundo estranho. Um grupo tenta alcançar o vinho e o pão que as carroças humanitárias oferecem à população faminta. Artesãos desolados percebem que sem suas oficinas não poderão mais trabalhar para ganhar seu sustento.

O trabalho de reconstrução já se vislumbrava imenso, quase sobre-humano. Um exemplo é dado por uma restauradora, que mostra como fazia para salvar um livro

centenário da lama. Cada página era cuidadosamente raspada com uma espátula para retirar o lodo que se agarrava ao papel. Depois, ela passava talco nas páginas, o que permitia que elas fossem viradas sem que o livro se tornasse uma maçaroca embebida na umidade. Outro especialista calculou que seriam necessários 15 anos de trabalho num mutirão de restauro por acadêmicos do mundo inteiro.

Burton finalizava seu comentário com um apelo ao mundo: “Agora, Florença tem necessidade da ajuda de todos, porque Florença pertence ao mundo, e é também a minha cidade” (*PER FIRENZE*, 1966, tradução nossa).<sup>12</sup> Seguiu-se outro apelo no mesmo sentido feito pelo senador Edward Kennedy, com seu *trench coat branco* enlameado.

*Per Firenze* termina com imagens terríveis – e hoje mais chocantes que naquela época de pouca consciência ecológica: tratores recolhem o rescaldo das ruas e enchem caminhões, atirando toneladas de dejetos de volta ao Arno, provando que a humanidade pouco aprende com suas catástrofes, continuando a agredir a natureza quase como numa vingança contra sua beleza indiferente e seus ciclos implacáveis.

Vannino Chiti, ex-presidente da Região Toscana, destacou as principais características do evento protagonizado pelos Anjos da Lama, que fizeram renascer o mito da “cidade universal e cosmopolita” (CHITI, 2006):

1) A corresponsabilidade intertemporal nos confrontos entre as gerações futuras: não se trabalhava para si mesmo, mas para a Florença das gerações futuras.

2) O sentido do cosmopolitismo: a atmosfera na qual todos os gestos estavam imersos era a de uma comunidade internacional, que trabalhava para o reconhecimento de um bem único, propriedade do mundo: Florença.

3) A experiência da solidariedade e da fraternidade na obra de reconstrução e de restauro: como na reconstrução da Itália após a Segunda Guerra.

Ainda segundo Chiti, os jovens que acorreram em socorro de Florença seriam os pioneiros do turismo de massa, que elege a capital toscana como um de seus principais objetivos. Essa associação, aparentemente gratuita, tem sua razão de ser, pois no Brasil as descrições mais completas do evento que encontrei foram feitas em dois *blogs* de turismo: “A terrível inundação de Florença em 1966”, no *blog Tour na Toscana*, de Marise Nakagawa; “Florença e a inundação do rio Arno em 1966”, no *blog Guia de Florença*, de Cristiane de Oliveira; e “A enchente de Florença de 1966: o dia em que o Arno transbordou”, no *blog Passeando na Toscana*, de Deyse Ribeiro.

<sup>12</sup> No original: “Adesso Firenze ha bisogno dell’aiuto di tutti, perché Firenze appartiene al mondo, quindi è anche la mia città”.

13 No original: “[...] giovani [...] rinunciando a ogni comodità moderna, con pieno spirito di sacrificio hanno vissuto per moltissimi giorni e settimane in mezzo al fango per salvare quello che era perduto. [...] io [...] ho visto molti studenti e ragazzi che dissepellivano i libri dal fango. Ho provato una stretta al cuore, e avrei voluto gridare ‘Aspettatemi! Vengo anch’io ad aiutarvi!’. Invece ho proseguito la mia strada, abbracciata alla mamma, forse era la sola che capiva quel che io provavo”.

14 No original: “Mi ricordo Santa Croce completamente svuotata, la gente che piangeva di fronte al Cristo del Cimabue — racconta Cacace e sembra sia ancora lì —. A ridarmi la speranza sono stati i fiorentini, di solito così polemici e pronti a criticare, che si sono rimboccati le maniche e messi a lavorare insieme. Si sono comportati da pompieri. E poi i giovani arrivati da tutto il mondo: gli americani lavoravano accanto ai giapponesi per far tornare Firenze quella che era prima dell’alluvione”.

Mas Chiti também associou a experiência da catástrofe de Florença a um ritual de iniciação coletiva: o *alluvione* teria tido o sabor dessa passagem da vida infantil para a vida adulta para uma geração que não havia experimentado “a desgraça de medir-se com a guerra”. De fato, uma menina de dez anos, Fiammetta, escreveu em seu diário:

os jovens [...] renunciando a toda comodidade moderna, com pleno espírito de sacrificio, viveram por muitíssimos dias e semanas no meio da lama para salvar o que estava perdido. [...] vi muitos estudantes e rapazes que tiravam os livros da lama. Senti um aperto no coração, e queria gritar ‘Esperem-me! Vou também ajudar-vos!’. Em vez disso continuei meu caminho, abraçada à mamãe, que talvez era a única que entendia o que eu sentia (FIAMMETA *apud* MESSERI; PINTUS, 2006, tradução nossa).<sup>13</sup>.

Mas à diferença das guerras tradicionais, que cumpriam a função de iniciação à vida adulta para os rapazes, na condição de soldados, reservando às garotas o papel secundário de enfermeiras, e colocando pelo menos duas nacionalidades em conflito mortal enquanto “inimigos”, os “Anjos da Lama” não faziam distinções sexuais nem territoriais, era um novo tipo de exército sem sexo e sem pátria: as garotas desempenhavam as mesmas funções que os rapazes, enlameavam-se como eles para retirar os livros do lodo ou trabalhavam com seus professores especialistas em restauro. E os florentinos, despedidos de toda empáfia, trabalhavam como bombeiros junto aos voluntários estrangeiros, como lembrou Gino Cacace, testemunha dos eventos, em depoimento a Elena Tebano:

Lembro-me da Santa Croce completamente esvaziada, pessoas chorando diante do Cristo de Cimabue. Reganhei esperança ao ver os florentinos, em geral tão polêmicos e prontos para criticar, arregaçando as mangas e se pondo a trabalhar junto. Agiram como bombeiros. E logo os jovens que vieram de todo o mundo: os americanos trabalharam ao lado dos japoneses para trazer de volta Florença ao que era antes da inundação<sup>14</sup> (SENEGhini, 2016, tradução nossa).

Não seria, então, mais apropriado perceber os “Anjos da Lama” como a antecipação dos movimentos da juventude que explodiram em maio de 1968? Os dois fenômenos sociais eram politicamente distintos, mas se aproximavam no desejo de realizar uma ação imediata; na ideia da solidariedade; na vontade de ajudar os pobres e marginalizados, os prejudicados e destituídos, aproximando-se da classe trabalhadora; na doação total de si para o bem de algo maior, sem interesses materiais envolvidos; e o prazer

de viver junto com outros jovens um movimento transcendente, que rompia com o cotidiano: a catástrofe do *alluvione* era também um *Ersatz* de revolução.

Na minissérie lançada nos cinemas como filme de três horas *La meglio gioventù* (*O melhor da juventude*, 2003), cujo título evoca um livro de poemas de Pier Paolo Pasolini, Marco Tullio Giordana reconstituiu a catástrofe de 1966 em Florença com a ajuda de cenas extraídas de *Per Firenze*.

Para Giordana, os jovens italianos de então estavam interessados em consumir, possuir um automóvel e obter um bom emprego. Mas os universitários de esquerda tinham outros ideais e cantavam as canções de protesto itens de consumo em grandes vitrines como “Dio è morto”, “Come potete giudicar”, “Noi non ci saremo” (hino da jornada), de Francesco Guccini e I Nomadi; “Auschwitz”, de Francesco Guccini, gravada também pelo grupo de protesto Equipe 84; e “Brennero 66”, dos Pooh – recordou o “Anjo da Lama” Leonardo Caltieri (BOLLINO; IACUANIELLO; PANTANO, 2009, p. 84).

Esses jovens queriam *agir* e, ao saber da tragédia, acorreram a Florença para ajudar sua população e seus museus, igrejas e bibliotecas. Lutaram bravamente para recuperar da lama manuscritos preciosos, livros raros, obras de arte. Ou foram às casas enlameadas dos pobres para ajudá-los a recuperar seus parques bens.

Para Erasmo D’Angelis, essa foi “a primeira catástrofe midiática” (D’ANGELIS, 2006), quer dizer, a primeira a ser transmitida mundialmente pelas mídias, mobilizando a ajuda internacional. A ação dos “Anjos da Lama” foi apenas aparentemente espontânea: as notícias das rádios e as imagens televisivas da catástrofe despertaram a solidariedade dos jovens de todo o mundo. Mas o que é notável nessa “primeira catástrofe midiática” é que ela levou a uma solidariedade que não se vê mais nas “catástrofes midiáticas” de hoje. O “Anjo da Lama” Salvatore Tomarchio o confirma:

Eu estava no meu quarto sem fazer nada, a certa altura no rádio eles começaram a falar de Florença. Disseram que era necessária ajuda urgente. Que a cidade estava de joelhos. Que havia pessoas presas em suas casas há dias. Que a lama tinha entrado na Biblioteca Nacional, que o Cristo de Cimabue talvez estivesse perdido para sempre. Não pensei duas vezes. Coloquei duas camisetas na minha mochila azul e fui embora. De carona, entendeu-se, um tanto de passagens até Messina. Depois peguei o barco que nos deixou no continente, depois outro. [...] Entrei na cidade, e senti como se tivesse caído em outro mundo <sup>15</sup> (*FIRENZE* 1966, 2016, tradução nossa).

<sup>15</sup> No original: “*Me ne stavo in camera mia a far niente, un certo punto alla radio iniziarono a parlare di Firenze. Dicevano che serviva un aiuto urgente. Che la città era in ginocchio. Che c'erano persone intrappolate nelle loro case da giorni. Che il fango era entrato nella Biblioteca nazionale, che il Cristo di Cimabue, forse, era perso per sempre. Non ci pensai due volte. Infilai due magliette nel mio zaino blu e partii. In autostop, si intende. Un paio di passaggi fino a Messina. Poi sulla nave che ci portò sul Continente e poi su ancora. [...] entrai in città mi sembrava di essere piombato in un altro mondo”.*



16 No original: “L’unico linguaggio fu quello della Solidarietà e dell’Amore per l’Arte, linguaggio universale che ha unito le nazioni scavalcando i confini e gli idiomi”.

Contudo, essa não foi a primeira ação solidária internacional. D’Angelis esqueceu-se do precedente histórico da formação das Brigadas Internacionais durante a Guerra Civil Espanhola – a manifestação pioneira da mobilização mundial através das mídias de massa que, na época, eram representadas pelos jornais, pelo rádio e pelo cinema.

Como as Brigadas Internacionais que foram à Espanha tentar salvar a República, os “Anjos da Lama” falavam uma única língua: “A única linguagem foi aquela da Solidariedade e do Amor à Arte, linguagem universal que uniu as nações contornando as fronteiras e os idiomas”.<sup>16</sup> (MESSERI; PINTUS, 2006, tradução nossa). Mas se na Espanha de 1936 era a República que estava ameaçada pelos franquistas e seus aliados nazistas e fascistas, na Florença de 1966 era a cultura de séculos acumulada nas bibliotecas e museus da cidade que corria o risco de perda total.

## Considerações conclusivas

Oficialmente 35 pessoas perderam a vida na inundação. Das 18 mil famílias atingidas quatro mil ficaram desabrigadas, com suas casas total ou parcialmente destruídas. Estima-se que a enchente danificou ou destruiu um milhão de manuscritos e livros raros, incluindo 100.000 volumes históricos na *Biblioteca Nazionale*; 250.000 no *Gabinetto Vieusseux* (onde ocupavam seis quilômetros de estantes nos porões do Palazzo Strozzi); 35.000 na *Accademia dei Georgofili*; 6.000 no *Archivio dell’Opera del Duomo*. Até então, ninguém havia sido desafiado a remover lama com nafta de volumes antigos. Tentava-se fazer uma cola, erravam-se os componentes, produziam-se explosões. Mas no laboratório da catástrofe nasceram os melhores restauradores de livros do mundo.

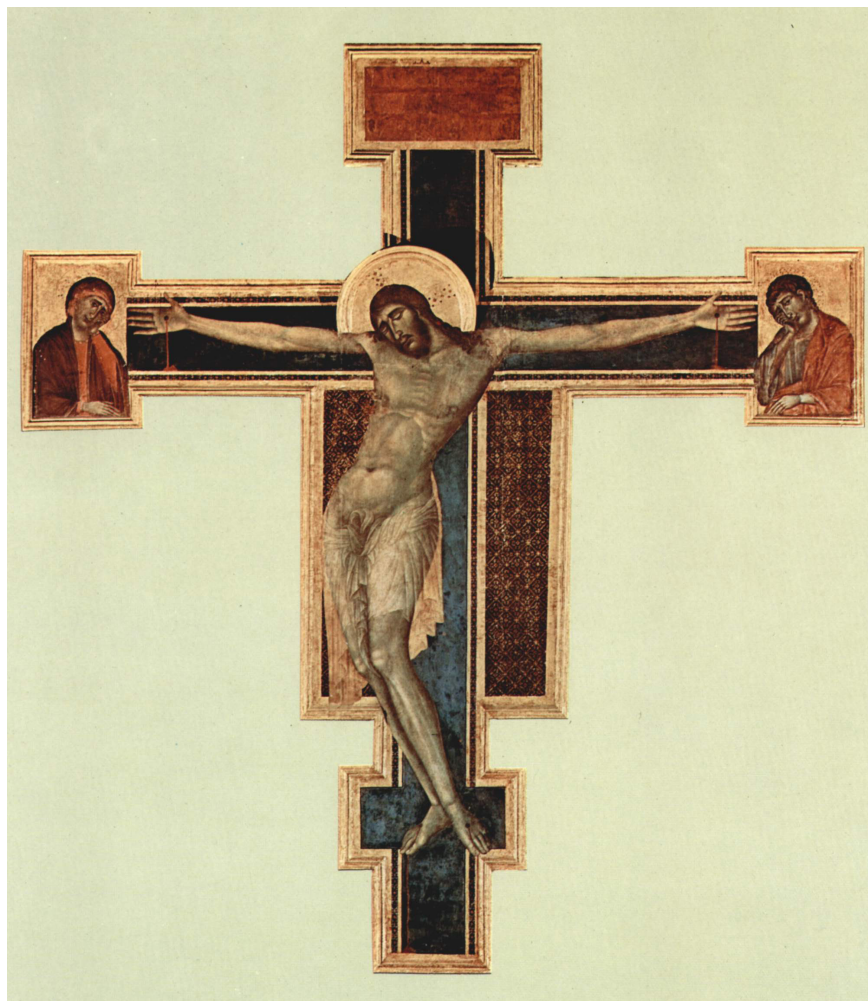
Foram igualmente danificadas ou destruídas mais de 1.500 obras de arte guardadas em igrejas, museus e depósitos da Galeria Degli Uffizi. Entre elas, a *Maria Madalena* de Donatello (cuja restauração foi finalizada em 1972), o *Santo Agostinho* de Botticelli, a *Ultima Cena*, de Giorgio Vasari (que só foi restaurada em 2004), o modelo da cúpula do Duomo de Brunelleschi, a porta do *Battistero* e o *Crocifisso de Cimabue* em Santa Croce – o Cristo crucificado que se tornou o símbolo da catástrofe.

Com sua madeira inchada após o mergulho na lama, o *Crocifisso de Cimabue* mofou com o tempo, e sua pintura descascou ainda mais. Foram precisos dois anos para que

ele secasse completamente, voltando ao seu tamanho original, podendo então começar a ser restaurado. Numa das tentativas de restauro, as rachaduras do *Crocifisso* foram preenchidas com lascas de um álamo da mesma Floresta Casentino onde o artista buscara as madeiras para sua obra (RIBEIRO, 2016).

Depois de várias restaurações ao longo dos anos, o *Crocifisso de Cimabue* pode ser apenas parcialmente recuperado (lembrando que os restauros são sempre vicários). Especialmente o corpo e o rosto da figura do Cristo não puderam ser refeitos, permanecendo mutilados, como uma cicatriz indelével dos danos que o *alluvione* de 1966 causou no corpo e na alma de Florença.

**Figura 1** -Crocifisso di Santa Croce, de Cimabue, antes do *alluvione* de 1966.



Fonte: Museo dell'Opera di Santa Croce. Foto de The Yorck Project (2002)

**Figura 2** -Crocifisso di Santa Croce, de Cimabue, depois do *alluvione* de 1966.



Fonte: Museo dell' Opera di Santa Croce. Foto de The Yorck Project (2002)



Figura 3 - Crocifisso di Santa Croce, de Cimabue, restaurado.



Fonte: ©Saiko. Free Documentation License. Foto de 19 nov. 2011

Por outro lado, os laboratórios florentinos de restauro coordenados por Ugo Procacci atingiram um nível inigualável. Procacci foi um dos primeiros a basear as intervenções estudando as fontes escritas deixadas pelos artífices no curso dos séculos, explicando técnicas e materiais usados nas obras. Tratados históricos como o *Libro dell'Arte* (1437), de Cennino Cennini, permitiram desenvolver técnicas modernas a partir do conhecimento daquelas empregadas em pinturas e afrescos da época (ALLUVIONE, 2015).

Para Mario Primicerio (*apud* MESSERI; PINTUS, 2006), mais que a catástrofe do *alluvione*, foi a *resposta à catástrofe* o evento mais importante que permaneceu inscrito na memória e na alma dos florentinos, que recordam anualmente o “Dia do Aluvião”.

Em 1970, foi lançado um programa para treinar voluntários civis para lidar com situações de emergência.

Em 1974, a Comissão Interministerial para o Estudo do Sistema Hidráulico e Defesa do Solo, criada logo após a inundação, publicou um longo relatório sobre as condições hidrológicas do território italiano, propondo soluções para áreas em risco de inundação.

Em 1982, Florença ganhou da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) o título de Patrimônio Histórico da Humanidade. O título contribuiu para que, em 1989, fosse promulgada a Lei 183, que classificou o Arno como “rio de interesse nacional”, o que, por sua vez, permitiu que, nos anos de 1990, fossem destinados 275 bilhões de euros para obras hidráulicas e outras de caráter preventivo às enchentes do Arno (CHITI, 2006).

Em 1996, nos 30 anos do *alluvione* de Florença, uma primeira *Conferenza sull'Arno*, centrada na questão da segurança, abriu um diálogo em bases concretas entre administradores, técnicos, docentes universitários e autoridades estatais sobre a prevenção da catástrofe. E o projeto “Arno multimídia”, fruto da colaboração entre a Universidade de Florença, o Centro de Estudos de Engenharia e a Autoridade da Bacia, documenta os problemas da bacia e seus eventos catastróficos ao longo dos séculos (PRIMICERIO *apud* MESSERI; PINTUS, 2006).

Em 2006, Zeffirelli, por ocasião do quadragésimo aniversário do *alluvione*, ganhou o reconhecimento oficial de Florença pelas mãos do Prefeito Leonardo Domenici, por ter ajudado o mundo a compreender a dimensão da catástrofe sofrida pela cidade com seu filme *Per Firenze*, recentemente restaurado pela RAI. O documentário de Zeffirelli é também o único registro profissional da catástrofe em seus primeiros dias.

Mario Pantano dedicou-se a reunir documentos e testemunhos da história dos jovens estudantes bolonheses que foram ajudar Florença. Encontrou fotos das jornadas na lama reunidas por Carlo Monti, então presidente da *Orub*, organização estudantil da época. Com o jornalista Giancarlo Mazzuca, vasculhou os arquivos do jornal *Il Resto del Carlino*. E com o pesquisador Sergio Bianchi, chegou à série *Avvenire d'Italia* no Archiginnasio; aos acervos do jornal L'Unità, da Mediateca Toscana e do Arquivo da Província (PANTANO, 2010). Como Secretário do Comitê Bolonhês *Angeli del Fango*, Pantano editou o livro *Solidarietà e utopia: Bologna, gli Angeli del Fango e le alluvioni del 1966* (2009), de Maria Iacuniello, Eleonora Pantano e Enrico Bollino.

A importância de reunir os acervos fotográficos dos “Anjos da Lama” está em que, durante o *alluvione*, poucos se preocuparam em registrar o evento: não era para tirar fotos que acorriam a Florença. Os registros do *alluvione* que se encontram nos arquivos são raros filmes amadores com imagens tremidas e desfocadas e escassas fotos de um ou outro voluntário. Algo impensável em nossa era de *selfies* compulsivas.

Antonina “Bocci” Bargellini, filha do Prefeito Bargellini, dedicou-se a pesquisar exemplares do jornal *La Nazione* de novembro de 1966 no arquivo do Palazzo Vecchio. Ela encontrou numa pequena nota de canto daquele diário que a emocionou: logo após a catástrofe de Aberfan, quando essa cidade perdeu todas as suas crianças, os pais da vila mineira de Gales, ao saberem do *alluvione* que naufragou Florença, doaram às crianças dessa cidade todos os brinquedos e roupas de seus filhos, que foram buscados e trazidos por um florentino numa van (BARGELLINI *apud* PAPINI, 2016, tradução nossa). Bocci junta suas pesquisas arquivísticas às lembranças pessoais:

Naquele dia papai saiu de casa e não o vimos por três dias, ele não podia voltar para casa e dormia no Palazzo Vecchio. Depois de três dias o pai chegou muito cansado, ruim das pernas porque as ruas estavam cheias de lama e ainda não tinha aquelas famosas botas que ele usaria mais tarde. Ele sempre nos disse que havia se casado com Florença e agora ele estava devastado por ver sua esposa nessas condições.<sup>17</sup>

A Bocci se recorda das cartas carinhosas das crianças americanas: “Senhor Prefeito, como está? Está ferido? Se precisar nós vamos aí para Florença”<sup>18</sup> (PAPINI, 2016, tradução nossa). Curiosa também é a história da Via delle Pinzochere, a rua onde o Prefeito morava, a dois passos da Santa Croce, e onde sua família reside até hoje:

Os que moravam na nossa rua estavam felizes pensando que a rua do prefeito seria uma das primeiras a serem consertadas. Em vez disso, aconteceu o contrário. Meu pai não queria colocá-la entre as primeiras por dois motivos: primeiro, por não querer tirar proveito do seu papel; segundo, porque ali ele recebia as grandes personalidades que vinham visitar Florença e seus arredores, tentando voltar à normalidade, naquela rua seria então evidente a extensão do que tinha acontecido (PAPINI, 2016, tradução nossa).<sup>19</sup>

Em 2016, para marcar os 50 anos do *alluvione*, foi inaugurada a exposição *Firenze 1966-2016: La bellezza salvata*, que reuniu obras todos os formatos para exemplificar os 50 anos de trabalho contínuo e sempre em curso de restauro da beleza danificada, com um catálogo organizado por Cristina Acidini e Elena Capretti.

17 No original: “*Quel giorno il babbo uscì di casa e non lo vedemmo per tre giorni, non riuscì a rientrare a casa e restò a dormire in Palazzo Vecchio. Dopo tre giorni il babbo tornò a casa stanchissimo, malfermo sulle gambe perché le strade erano piene di fango e ancora non aveva quei famosi stivali che poi avrebbe indossato. Ci aveva sempre detto che lui Firenze l'aveva sposata e adesso era distrutto nel vedere la sua sposa in quelle condizioni*”.

18 No original: “*signor sindaco, come sta? È ferito? Se ha bisogno noi veniamo a Firenze*”.

19 No original: “*Chi abitava nella nostra via era contento, pensando che la strada del sindaco sarebbe stata tra le prime a essere sistemata. Invece, accadde il contrario. Mio padre non volle farla sistemare tra le prime per due motivi: il primo perché non voleva approfittarsi del suo ruolo, il secondo perché in quella strada portava le grandi personalità che venivano a visitare Firenze e, mentre intorno, si cercava di tornare alla normalità, in quella strada era ancora evidente la portata di quello che era successo*”.



Ainda no cinquentenário da catástrofe foi concluída a longa e complexa restauração dos cinco enormes painéis da Última Ceia de Giorgio Vasari, exposta no antigo refeitório do convento de Santa Croce. O trabalho foi realizado pelo laboratório de restauro *Opificio delle Pietre Dure*, com o patrocínio da *Getty Foundation*, da *Prada* e da *Protezione Civile*. Um acréscimo curioso: para garantir que o enorme painel não sofra novos danos num futuro *alluvione*, um botão pode ser pressionado, fazendo um mecanismo de roldanas içar a pintura acima da linha da inundação. O processo não requer eletricidade, no caso de uma pane da energia (SIVAK, 2016).

A *Sun Motoyama* financiou o restauro da belíssima Porta do Paraíso de Lorenzo Ghiberti no Batistério, atingida pela fúria das águas, que a arrancou e fez destacar seis de seus painéis, que se perderam na enchente. A Porta encontra-se hoje no Grande Museu del Duomo e uma réplica, financiada pela mesma empresa, a substitui na Igreja.

Apesar de todas as medidas tomadas pelas autoridades, o rio Arno permanece uma fonte de beleza e terror, podendo produzir, a qualquer momento, uma nova catástrofe. Florença sofre a cada século inundações em número crescente: duas a cinco até o século XVI; sete a nove do século XVII ao XX (PIZZUOLI, 2011). Há uma regularidade quase matemática nas enchentes do Arno: os maiores *alluvioni* ocorreram quase no mesmo dia: 4 de novembro de 1333, 3 de novembro de 1844, 4 de novembro de 1966.

Como lembrou o “Anjo da Lama” Riccardo Conti, vice-presidente da Província de Florença, os florentinos precisam conviver os *alluvioni* como os japoneses [que habitam um arquipélago de 6.852 ilhas com 108 vulcões ativos] precisam conviver com os terremotos.

Figura 4 -Frederick Hartt em *Per Firenze* (1966).



No filme *Per Firenze* (1966), de Franco Zeffirelli, o historiador Frederick Hartt, especialista na Arte do Renascimento, chora os tesouros artísticos, os manuscritos seculares e os livros raros perdidos para sempre no alluvione de Florença. Fonte: Captura de tela de *Per Firenze* (1966) pelo autor.

## Referências

ACIDINI, Cristina. L'arte colpita dall'alluvione, dal 1966 a oggi. Ricordi e lavori – La Bellezza Salvata. *Università degli Studi di Firenze*, [s.d.]. Disponível em: <https://mostre.sba.unifi.it/bellezza-salvata/it/62/l-arte-colpita-dall-alluvione-dal-1966-a-oggi-ricordi-e-lavori>. Acesso em: 14 mar. 2021.

ACIDINI, Cristina; CAPRETTI, Elena (Org.). *Firenze 1966-2016. la bellezza salvata*. Firenze: Sillabe, 2016.

ALLUVIONE di Firenze (1966). *Blog Curiosando*, 4 nov. 2015. Disponível em: <http://curiosando708090.altervista.org/alluvione-di-firenze-04111966/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

ALLUVIONE DI FIRENZE. Vídeo. 1min26s. Publicado em LorenzoC432. *YouTube*. [s.d.] Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mj\\_vveO71Sc](https://www.youtube.com/watch?v=mj_vveO71Sc). Acesso em: 14 mar. 2021.

BBC. Há 50 anos, deslizamento trágico de mina soterrava escola e deixava 144 mortos no Reino Unido. *BBC*, 21 out. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/ha-50-anos-deslizamento-tragico-de-mina-soterrava-escola-e-deixava-144-mortos-no-reino-unido.html>. Acesso em: 14 mar. 2021

BIAGI, Enzo. *L'Italia del Novecento, 1964-1967*. Milano: Rizzoli, 2007.

BOLLINO, Enrico; IACUANIELLO, Maria; PANTANO, Eleonora. *Solidarietà e utopia*: Bologna, gli Angeli del Fango e le alluvioni del 1966. Bologna: Editora CLUEB, 2009.

CAIRELLA, Niccolò. Le alluvioni di Firenze del 1333 e 1844. *Terrazzino San Carlo*, 30 nov. 2013. Disponível em: <https://terrazzinოსancarlo.wordpress.com/2013/11/30/le-alluvioni-di-firenze-del-1333-e-1844/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

CHITI, Vannino. Firenze “Città universale” anche grazie agli “Angeli del fango”, ma a distanza di 30 anni ancora poco è stato fatto per proteggerla dalle piene dell’Arno. Intervista a Vannino Chiti, presidente della Regione Toscana. In: MESSERI, Silvia; PINTUS, Sandro (Org.). Dossî: L’alluvione quarant’anni dopo. *MegaReview (FAN-Florence ART News)*, Firenze, 2006. Disponível em: <https://www.mega.it/allu/index.html>. Acesso em: 14 mar. 2021.

CONOSCI FIRENZE. Provvedimenti e soccorsi del Governo Italiano nell’inondazione del 1864 e del Granducale in quella del 1844. *conosci Firenze*, 2017. Disponível em: <https://www.conoscifirenze.it/schegge-di-storia/544-Provvedimenti-e-soccorsi-1844-1864.html>. Acesso em: 15 ago. 2021.

CONTI, Riccardo. Intervista a Riccardo Conti, vice presidente della Provincia di Firenze. In: MESSERI, Silvia; PINTUS, Sandro (Org.). Dossî: L’alluvione quarant’anni dopo. *MegaReview (FAN-Florence ART News)*, Firenze, 2006. Disponível em: <https://www.mega.it/allu/intventc.htm>. Acesso em: 14 mar. 2021.

D’ANGELIS, Erasmo. *Angeli del fango. La “meglio gioventù” nella Firenze dell’alluvione a 50 anni di distanza. Nel novembre 1966 la solidarietà arrivò qui*. Firenze/Milano: Giunti Editore, 2016.

DAVID LEES FOR LIFE. *Triumph from Tragedy. I giorni dell’alluvione*. Firenze: Edizioni Polistampa, 2006.

FIRENZE 1966. Dossî organizado por Federica Seneghini e Elena Tebano. *Corriere della Sera*, 4 nov. 2016.. Disponível em: <https://www.corriere.it/reportages/cronache/2016/alluvione-firenze>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FLORENCE FLOOD. *Audio & Video. Alluvione Firenze 1966 nel filmato originale Ministero Interno*, 4 nov. 2016. Disponível em: <http://www.florence-flood.com/audio-video/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FRANCHINO, Salvatore; VERGALITO, Mariapaola. Dal fango al cielo: è morto Salvatore Franchino, ‘angelo’ di Firenze. *Lasiritide*, 10 maio 2019. Disponível em: <https://www.lasiritide.it/art.php?articolo=17176>. Acesso em: 14 mar. 2021.

GLI ANGELI DEL FANGO – INFORMAGIOVANI-ITALIA.COM. Vídeo. 3min18s. Publicado em Informagiovani2. *YouTube*. 7 set. 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Ro5LYVkgUHc>. Acesso em: 14 mar. 2021.

GUERRINI, Augusto. “Inondazioni in Firenze del 3 e 6 novembre 1844 e 1864 provvedimenti e soccorsi del Governo granducale e italiano, a spese dell’autore Augusto Guerrini, 1864” *apud Conosci Firenze*, 27 dez. 2017. Disponível em: <https://www.conoscifirenze.it/schegge-di-storia/544-Provvedimenti-e-soccorsi-1844-1864.html>.

KENNEDY, Edward. Testimonianza del Senatore E. M. Kennedy. In: MESSERI, Silvia; PINTUS, Sandro (Org.). Dossî: L’alluvione quarant’anni dopo. *MegaReview (FAN-Florence ART News)*, Firenze, 2006. Disponível em: <https://www.mega.it/allu/intvents.htm>. Acesso em: 14 mar. 2021.

L’ALLUVIONE MAI VISTA: IL PRIMO DOCU-FILM DELLA FONDAZIONE SISTEMA TOSCANA. Vídeo. 1min50s. Publicado em TOSCANAMEDIA. *YouTube*. [s.d.] Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OlvZkcdDrbQ>. Acesso em: 14 mar. 2021.

LA BELLEZZA salvata | Firenze 1966-2016. Vídeo. 2min34s. Publicado em Università degli Studi di Firenze. *YouTube*. 27 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oTYIIHb6Dgg>. Acesso em: 14 mar. 2021.

LA MEGLIO GIOVENTÙ. Itália, 2003, 6h40m, cor, minissérie, drama, TV. Direção: Marco Tullio Giordana. (O melhor da juventude.)

MESSERI, Silvia; PINTUS, Sandro (Org.). Dossiê: L'alluvione quarant'anni dopo. *MegaReview (FAN-Florence ART News)*, Firenze, 2006. Disponível em: <https://www.mega.it/allu/index.html>. Acesso em: 14 mar. 2021.

MOROSI, Silvia; RASTELLI, Paolo. L'alluvione del 1966, quando Firenze andò sott'acqua. *Corriere della Sera*, Blog *Poche Storie*, 4 nov. 2016. Disponível em: <https://pochestorie.corriere.it/2016/11/04/lalluvione-del-1966-quando-firenze-ando-sottacqua/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

NAKAGAWA, Marise. A terrível inundação de Florença em 1966. *Blog Tour na Toscana*, 15 nov. 2019. Disponível em: <https://tourtoscana.com/florenca/a-terrivel-inundacao-de-florenca-em-1966/>. Acesso em: 13 mai. 2020.

OLIVEIRA, Cristiane de. Florença e a inundação do rio Arno em 1966. Blog *Guia de Florença*, 4 nov. 2019. Disponível em: <https://guiaflorenca.net/florenca/florenca-e-a-inundacao-do-rio-arno-em-1966/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PANTANO, Mario. Solidarietà e Utopia: “Gli Angeli del Fango”. Entrevistadores: Enzo Voci e Elisabetta Bosi. *Attualità*, 15 out. 2010. Disponível em: <https://www.ilgiornaledellaprotezionecivile.it/attualita/solidarieta-e-utopia-it-br-gt-gli-angeli-del-fango>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PAPINI, Roberto Davide. Alluvione, Bargellini e quelle urla dai tetti: “Avvertite il sindaco”. I ricordi della figlia del sindaco dell'alluvione. *La Nazione*, 27 out. 2016. Disponível em: <https://www.lanazione.it/speciali/alluvione-firenze/alluvione-piero-bargellini-sindaco-1.2626689>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PER FIRENZE. Direção: Franco Zeffirelli. Produção: Rai TV. Restauração: Teche Rai di Torino. Texto: Furio Colombo. Narração: Richard Burton. Música: Roman Vlad. Itália, 1966. 1 vídeo (51 min). Disponível em: <https://archive.org/details/PerFirenze>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PIZZUOLI, Salvina “Firenze e l'Arno un rapporto difficile”. *tuttatoscana.net*. 2011. Disponível em: <https://tuttatoscana.net/storia-e-microstoria-2/firenze-e-larno-un-rapporto-difficile/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PRIMICERIO, Mario. “Abbiamo accettato con entusiasmo di invitare a Firenze gli Angeli del Fango. Intervista al Sindaco di Firenze”, in MESSERI, Silvia; PINTUS, Sandro (Org.). Dossiê: L'alluvione quarant'anni dopo. *MegaReview (FAN-Florence ART News)*, Firenze, 2006. Disponível em: <https://www.mega.it/allu/intventt.htm>. Acesso em: 14 mar. 2021.

RIBEIRO, Deyse. A enchente de Florença de 1966: o dia em que o Arno transbordou. *Blog Passeando na Toscana*, 25 out. 2016. Disponível em: <https://passeiosnatoscana.com/a-enchente-de-florenca-de-1966/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SIMMEL, Georg. *Rome, Florence, Venice*. Paris: Editions Allia, 2006.

SIVAK, Ali. Giorgio Vasari's *The Last Supper* returns to Santa Croce Basilica, fifty years after a flood nearly destroyed it. Press Release. *Getty.edu*, 21 nov. 2016. Disponível em: <http://news.getty.edu/vasarithelastsupper.htm>. Acesso em: 14 mar. 2021.

THE YORCK PROJECT. *10.000 Meisterwerke der Malerei*. Berlin: The Yorck Project, 2002. CD-ROM. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH.